

DEBAIXO DE 7 PALMOS

Uma divertida história que conta a trajetória de um pastor, Sérgio, que procurava não confessar seus verdadeiros sentimentos em relação à vida. Na trama, ele conhece muitos adversários que parecem desejar sua morte.

*Dedicado aos vivos...
...àqueles que aceitaram Jesus Cristo
como Senhor e Salvador.*

Gênesis 2:18

Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.

Cap. I

atrasado para o casamento

Era uma linda tarde de quinta-feira. Ele estava se arrumando o mais rápido que podia. Suava frio. Iná, procurando não atrapalhá-lo ainda mais, senta-se numa cadeira e fica folheando uma revista.

- Já estou quase pronto! Só falta a gravata... - diz Sérgio.

Iná observa aquele homem, terrivelmente nervoso por causa do casamento tão aguardado. Com uma paciência invejável, esboça um sorriso. Olhando-o com ternura, apesar de saber o quanto estava atrasado, lembrava-se de quando ele ainda era um menino, tão magricela e desajeitado. Tinha os cabelos espichados tão engraçados que alguém o chamou de “Palidifósso”. As outras crianças viviam inventando apelidos para ele. As garotas, então, viam-no como se fosse um alienígena desengonçado. Só havia uma única pessoa que ousou gostar dele: Andréia Inácia, a garota mais linda da escola. No começo ninguém acreditava. Achavam que ela estava zombando da cara dele. E quando ele soube então! Não conseguia olhar para aquela garota tão bela, sem ficar corado. Com o tempo acabaram por namorar. Namoro firme para casar. Afinal, Serginho, como seus parentes o chamavam, era filho de um casal cristão, tal como Andréia Inácia. Havia um certo rapaz, briguento pra danar, chamado Clóvis, que vivia dizendo que um dia roubaria sua namorada. Pobre coitado! Andréia Inácia nunca lhe deu bola. O tempo passou e, Clóvis, trabalhando como policial, acabou casando com uma jovem, com quem teve um filho. Ninguém mais ouviu falar dele, até quando resolve ser um vizinho, assim que sua esposa faleceu. Sérgio e Clóvis se tornaram bons amigos. Iná meditava em como as coisas mudam, até que uma palavra a desperta:

- Queria tanto ter uma boa cabeleira de novo... - diz Sérgio, terminando de passar o pente por entre sua calvície até os ralos cabelos - Prontinho! Vamos?

- Você está lindo, Sérgio! - diz ela - Olha... Essas roupas ficaram melhor do que aquelas alugadas...

- O paletó está meio apertado, mas não tem jeito... Não há tempo para consertá-lo... - diz ele.

- Eu falei que era melhor você não parar para brincar com o Henrique... Você sabe que ele apronta mesmo... - diz Iná.

- Ora, como eu poderia imaginar que ele faria uma coisa daquelas? Esguichar chocolate na roupa que aluguei? Além do mais, é só uma criança, que não teve uma boa educação... Ele não tem culpa. Os culpados são os pais. Não consigo me zangar com ele. Apesar de ser um baderneiro, sinto que ele gosta de mim de verdade.... - retruca Sérgio.

- Tudo bem, vamos! A noiva já deve estar na igreja, esperando... Ela disse que sairia do salão de beleza e iria direto para lá! - finaliza Iná, pegando seu chapéu.

Ao chegarem até a porta da sala, Iná diz:

- Espere um momento que eu vou ver se o Henrique não está por perto. Ele me respeita mais que você.

Verificando, Iná não avista o filho de seu vizinho.

- Ótimo! Vamos rápido! O Henrique já deve ter ido com o pai dele para a igreja!

- O paletá está me atrapalhando um pouco! Não vou poder dirigir! - diz Sérgio.

- Tudo bem, eu dirijo! - diz Iná.

Enquanto Iná trancava a porta, Sérgio levantava a porta de sua bela garagem, onde haviam dois belos carros. Um modelo da década de cinquenta totalmente restaurado e outro recém-lançado no mercado.

- Vamos no Miúdo.. - diz ele, referindo-se ao modelo antigo.

Lucas 12:36

Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento; para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram.

Cap. II

mais trapalhadas na cerimônia

Débora, a noiva, estava exausta, pois quando estava para descer do carro, na porta da igreja, alguém havia lhe avisado que o pastor estava atrasado. A igreja estava linda, pois a irmã Joaquina, uma senhora já de idade, mas muito trabalhadora, havia usado seu talento como decoradora para aquela ocasião tão especial na vida de duas pessoas.

Já haviam se passado mais de quarenta minutos. Um tanto contrariada, Débora senta-se novamente no banco de trás. Não via a hora de casar. Conhecia muito bem o pastor, pois era seu pai. Sabia o quanto era atrapalhado, e, infelizmente, ele também não estava 100% certo de que aquele noivo era o melhor para ela, porém Débora o amava intensamente.

Logo, alguém grita:

- O pastor está chegando!

Muitos convidados que o aguardavam no piso inferior da igreja, resolveram subir

rapidamente para tomarem seus lugares.

- Ufa! Graças a Deus! - suspira Débora - Obrigada, meu querido Jesus! Perdoe-me por até ter pensado que papai não viria realizar meu casamento...

Ao manobrar o carro, estacionando-o, Iná vai de encontro à sua filha. Sérgio também aproxima-se dela e diz:

- Me perdoe, filha, pelo atraso! Já vou subir, assim que tomar um copo d'água! - diz Sérgio.

Lauro, um rapaz de vinte anos, que estava cursando seminário, com um copo d'água nas mãos, diz, prontamente:

- Aqui está Pr. Sérgio! Eu já imaginava que o senhor iria precisar!

Eram poucas as pessoas que o chamavam de "pastor". Sérgio tinha um espírito de criança, pois era muito brincalhão com as pessoas, apesar de seus 45 anos de idade. Ele e sua esposa Andréia Inácia, carinhosamente apelidada de Iná, não aparentavam a idade que tinham, porém isso não prejudicava a autoridade que Sérgio tinha como líder de sua igreja.

- Lauro, meu amigo!... - diz Sérgio - Você vai acabar se tornando meu sucessor aqui na igreja! Muito obrigado! Lembre-se da promessa de Jesus: "Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. Marcos 9:41..." À propósito, como vai sua mãe, Dona Laurinda?

- Do mesmo jeito... Quer ver algo extraordinário acontecer para poder acreditar no "Jesus dos crentes" como ela diz... - responde Lauro.

- Deus é fiel! Não se preocupe... - diz Sérgio.

Logo, o pastor se dirige para ocupar seu lugar. Débora queria fazer uma cerimônia diferente, pois gostaria de entrar com sua mãe, Iná.

- Vamos esperar mais uns cinco minutinhos, filha... - diz sua mãe - Você conhece teu pai. Sabe o quanto ele é distraído. Deixe ele se ajeitar primeiro, no altar.

- Claro, mamãe! - responde Débora.

- Como está o coração? - pergunta Iná, com um olhar meigo.

Débora, suspira. Olhando fixamente para sua mãe, responde.

- O meu está palpitando cada vez mais... E... Como papai está? Disse alguma coisa?

Iná sorri. Queria evitar qualquer comentário. Sabia que seu marido não estava feliz com aquele casamento e, ter quer dar a bênção matrimonial para o casal, estava lhe corroendo o peito.

Débora insiste:

- Mamãe... Me responda... O papai tá legal?

- Nós sabemos que Deus é fiel, filha... Vamos dar tempo ao tempo... Eu e teu pai só queremos te ver feliz! Eu confesso que... Bem... Oro muito para que o Fabiano lhe seja um bom marido...

- Será, mamãe! Eu o amo e sei que ele...

Por um momento, Débora hesita em continuar sua frase. Iná, apertando um pouco mais a mão da filha, procura não exprimir seus verdadeiros pensamentos quanto àquele casamento. Sendo uma mãe muito carinhosa, havia conversado muito com Débora sobre a responsabilidade que ora estava abraçando. Sentia que, infelizmente, Débora tinha dúvidas sobre a reciprocidade dos sentimentos de seu amado Fabiano, porém ela era maior de idade e tinha que decidir por si mesma.

No andar superior, haviam muitos convidados. Intelectuais e gente famosa estavam sorridentes, aguardando a entrada daquela linda noiva.

Sérgio, formado em publicidade, era proprietário da SoftRevista, um veículo de comunicação muito respeitado em sua cidade, São Paulo, e nas cidades vizinhas. Tratava-se de um serviço editorial mensal dirigido para o público adepto da informática. Em pouco mais de dois anos, Sérgio e sua equipe de apenas dez pessoas, já haviam conquistado muitos leitores e anunciantes, somando assim forças para aumentarem seu campo de distribuição e clientela.

Sérgio já estava orando ao Senhor para que pudessem chegar a comercializar a SoftRevista em todo o Estado.

Fabiano parecia muito ansioso para ver Débora adentrar a igreja. Quando Sérgio surge à porta, Fabiano tem um breve pensamento:

- “Lá vem o carequinha... Lembrei-me daquela frase que li num pára-choque, hoje: Porco gordo e sogro rico só dão lucro depois de morto... Que pensamento!”

Henrique, o filho do vizinho, quando vê Sérgio entrar atrasado como estava, colocou o pé na frente, derrubando-o.

- Aiii!! - grita Sérgio, olhando para Henrique e para os outros convidados, que procuravam não demonstrar o riso.

- Desculpe, “Tio” Sérgio! Foi sem querer! - diz Henrique.

Levantando-se, Sérgio, um pouco encabulado pelo tombo, exclama:

- Deus sabe, Henrique. Deus sabe.

- Ih, papai... - diz Henrique, segurando a mão de Clóvis, seu pai - Acho que desta vez eu pisei na bola com o “Tio” Sérgio...

- Esse nosso vizinho sempre foi meio atrapalhado assim mesmo, filho... Ele demonstra que gosta muito de você... Com certeza já te perdoou. Liga não. Desde que eu o conheço por gente é assim, um cara que sabe fazer a gente dar gargalhadas...

Entre os convidados, estava também um homem que, apesar de ter recebido o convite, Sérgio não acreditava que ele viesse assistir a celebração. Era o Sr. Jaime Pinheiro, dono da Comp-Land, uma revista concorrente. Só haviam os dois na disputa do mercado deste segmento. A Comp-Land estava indo de mal a pior nos últimos anos, coisa que causava certa inquietação no Sr. Jaime. Durante algum tempo, Sérgio o procurou, visando ajudá-lo, oferecendo até mesmo uma união dos nomes para que ambos se tornassem fortes, mas Sr. Jaime recusou a oferta, dizendo que havia outra solução para o problema. Quando Sérgio, já no altar, esperando pela entrada da filha, avista o Sr. Jaime, sentado na segunda fileira de bancos, acena e esboça-lhe um sorriso alegre.

- “União de nomes... Humpf... Imagine só se eu me uniria a um pastorzinho palhaço como você... Há dez anos não tive concorrentes... Vamos ver qual equipe editorial é melhor de verdade...” - pensa Sr. Jaime, acenando-lhe também, forçando um sorriso.

Alguém, aproximando-se de Débora, entrega-lhe um presente, com um embrulho muito bonito. Ela, olhando para ver quem era, espanta-se e diz:

- Elza?!?

Iná também procura não demonstrar sua indignação, e, procurando usar seu domínio próprio, diz:

- Como vai, Elza? Está tudo bem com você?

Sem responder a esposa do pastor, Elza somente olha para Débora e exclama, em tom sarcástico:

- Parabéns, garota. Este presente é para ser usado.

Ao dizer isso, retira-se, subindo numa moto e acelerando rua abaixo.

Iná olha para a filha, sem dizer palavras, engolindo saliva e procurando conter-se. Alguém faz sinal para que as duas entrassem.

- Está na hora, mãe! - exclama Débora.

- Eu... Eu... Eu desejo tanto sua felicidade, filha... - diz Iná.

- Eu sei, mãe... O Fabiano tem seus defeitos, mas... Bem, todos nós temos, não é mesmo? - diz ela, enquanto seguiam devagar até a entrada da igreja, deixando o presente que Elza havia lhe dado ao presbítero Geraldo, que fora incumbido de guardar todos os pacotes.

Ao chegarem, todos se levantam. Sérgio não se contém e deixa transparecer sua emotividade. Somente algumas pessoas sabiam o quanto estava sendo pesaroso participar ativamente daquela união. Na qualidade de pastor, não poderia negar a nenhum membro de sua

igreja, a bênção matrimonial.

Ao som do órgão, Débora se aproxima, juntamente com a mãe para perto de seu futuro marido. Próximo de Fabiano, Sérgio também vê Érico entrando, o filho de quinze anos do presbítero Geraldo, no que é pego pelo pai, através de um grande puxão de orelhas. Pai e filho discutem alguma coisa, e, aparentemente revoltado, Érico senta-se na última fileira de bancos, ficando de braços cruzados. Sérgio sabia que pai e filho estavam tendo algum problema, mas ambos recusavam-se a expô-los seus sentimentos para que a igreja pudesse ajudar.

O presbítero, percebendo que não havia mais ninguém para entrar, resolve assistir a ministração. Olhando para Sérgio, pensa:

- “Não consigo entender como este homem pode ser pastor... Não leva nada a sério... Qualquer coisa já arreganha os dentes, dando risadas... E o povo gosta, claro!... O Evangelho é coisa séria! O povo de Deus só se torna espiritual quando tem um pastor que lhe bota um cabresto! Se alguém quer dar risadas, então que vá rir no mundo! Ser de Jesus é ter cara fechada pro diabo! Eu ainda vou ter a minha oportunidade de guiar as pessoas para um relacionamento íntimo com Deus, ah, se vou!!”

Ao final da cerimônia, Sérgio é avisado por Lauro que seu carro estava com o farol aceso. Descendo rapidamente, percebe que também esquecera de trancar as portas.

- Ai, essa minha cabeça... Só não esqueço dela porque está grudada no pescoço...- diz ele.

Do lado do carro de Sérgio havia um outro. Vendo-o, pensa:

- “Gente, que carro velho... De quem será?”

Desligando o farol e fechando as portas, corre para participar da festa de sua filha. Sérgio não resistia à um belo bolo de casamento.

- “Só Deus sabe o quanto eu desejo tua felicidade, minha princesinha...” - pensa ele, referindo-se à Débora.

Ao chegar à porta, Clóvis aparece com dois homens e diz para Sérgio:

- Oi, amigão! Gostaria que você conhecesse dois amigos meus da polícia! Este é o investigador Franco e este aqui é o soldado Colorado, mais conhecido por Colo! Gente boa! Estavam passando aí na rua e resolvi convidá-los para participar, tudo bem?

- Claro! Muito prazer, amigos! - diz Sérgio - Sintam-e em casa!

- Obrigado, senhor... - diz o investigador.

- Já comi uns bolinhos... - diz Colo - Estão uma delícia!

- Ok, vamos entrar, então! - finaliza Sérgio, deixando-os à vontade.

CONTINUA...